

O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO “DACTYLS”

Introdução:

Quando uma pessoa não pode ouvir, começa a viver utilizando outros sistemas de comunicação. Os sistemas que utilizam depende do seu tipo de surdez: congênita ou pós-linguística. Os do segundo grupo poderão continuar expressando-se oralmente, mas, tanto neste grupo como no primeiro, a comunicação receptiva muda: leitura labial, língua de sinais, bi-modal etc. Todos os sistemas receptivos são visuais, quer dizer, a pessoa surda “escuta” através dos olhos.

O que acontece se, ao mesmo tempo, esta pessoa é cega ou apresenta uma grave deficiência visual? Neste caso, existem problemas de comunicação muito mais sérios, já que sem poder utilizar o canal visual nem o auditivo, resta o sentido do tato, as mãos, como canal para conseguir desenvolver a comunicação receptiva, através de sistemas adaptados para serem captados por meio do tato e para obter todo tipo de informação do ambiente.

A comunicação é a chave da inserção social das pessoas surdocegas no ambiente social e cultural no qual vivem. Por esta razão, tudo o que estiver relacionado com a comunicação é objeto do maior interesse, tanto por parte dos profissionais, como das próprias pessoas surdocegas, na busca de sistemas de comunicação mais rápidos e eficazes.

Um dos maiores problemas dos sistemas de comunicação que as pessoas surdocegas utilizam, especialmente os alfabetos manuais, é a lentidão na transmissão das mensagens, já que se realizam manualmente, letra por letra, com diferentes posições dos dedos da mão ou escrevendo com o dedo indicador letras maiúsculas na palma da mão. Com estes sistemas, o interlocutor ou o intérprete dificilmente poderá transmitir a informação visual e auditiva de que foi dito e do que está ocorrendo no ambiente, já que muitas vezes não tem tempo hábil para isto.

Outro sistema, a língua de sinais, que é um sistema de comunicação não alfabético, oferece maiores possibilidades, já que permite uma maior rapidez e, de fato, as pessoas surdocegas que utilizam este sistema podem obter a informação de uma maneira mais veloz e precisa do que com qualquer alfabeto manual. Daí a grande importância que este sistema tem como base de uma possível comunicação mais rápida para aqueles que utilizam somente alfabetos manuais.

A língua de sinais é a primeira língua de quem é surdo congênito. Se mais tarde adquirir a cegueira, o sistema adapta-as da versão visual para a versão tátil e a pessoa pode continuar a usa-lo. Este sistema, porém não costuma ser desenvolvido por quem não nasceu surdo. Os surdocegos pós-linguísticos aprendem algum alfabeto manual porque eles preservam a estrutura da língua oral e, geralmente, é difícil que aprendam a língua de sinais, entretanto podem aprender alguns sinais ou símbolos básicos.

Por esta razão, vou explicar meu sistema de comunicação, um sistema que nasceu de modo natural e que sempre tem chamado a atenção e despertado o interesse de profissionais e surdocegos, não só da Espanha, mas também do mundo inteiro. Foram eles que pediram, em numerosas ocasiões, que eu escrevesse um artigo sobre o meu método. De fato, este método já está sendo imitado por intérpretes e surdocegos de alguns países escandinavos e latino-americanos, pelas vantagens que fornece para a comunicação.

Antes de explica-lo, devo registrar que eu conhecia e utilizava a língua de sinais embora a minha surdez não fosse congênita. Aprendi aos 18 anos quando era apenas surdo. Esta circunstância, de conhecer a língua de sinais, influenciou decisivamente no meu desenvolvimento posterior do meu sistema. Espero conseguir explica-lo da maneira mais clara possível.

O método combinado de alfabeto e sinais

O sistema que utilizo e que batizei com o nome de “DACTYLS”, sempre chamou a atenção pela rapidez com que permite a transmissão das mensagens. Nas reuniões de trabalho e conferências internacionais isto ficava patente, porque a minha intérprete terminava a sua tradução antes dos demais.

Qual era a razão?

Meu sistema consiste na combinação do alfabeto manual dos surdocegos espanhóis com sinais procedentes da língua de sinais espanhola, adaptados e configurados para sua utilização na palma da mão, quer dizer, utilizam-se ao mesmo tempo letras e sinais na palma da mão. De acordo com o caso, se soletra a palavra completa quando não há um sinal para ela, e para palavras cujos sinais foram desenvolvidos, estes são simbolizados com sinais na palma da mão; quanto mais sinais houver, maior será a rapidez na comunicação tátil.

Os sinais que foram incluídos correspondem às palavras mais freqüentemente utilizadas na linguagem e tenho incluído também numerosas palavras técnicas, relacionadas com meu trabalho no âmbito da surdocegueira. Para as palavras menos comuns e para artigos, pronomes etc, costuma-se soletrar o alfabeto manual e se preserva, com sinais e letras, a estrutura da língua oral.

Até agora, os sinais que possuo são bastante numerosos mais com a prática continuam aumentando, já que sempre incluo algum novo.

Como dado curioso, no início também utilizava sinais feitos no rosto. Mas com o passar do tempo, eles se revelaram muito incômodos, portanto eu fui eliminando-os e limitando os sinais à mão, ao pulso, ao antebraço, ao braço, ao ombro e ao peito.

Para fazer a maioria dos sinais utiliza-se uma só mão, mais também se utilizam as duas mãos quando a adaptação do sinal assim o requer.

Chaves para a utilização dos sinais

Os sinais utilizados baseiam-se nos sinais da língua de sinais espanhola (LSE), realizados sobre a palma da mão.

Quando um deles, ao ser realizado na palma da mão, não é inteligível através do tato, devido a sua posição ou pelo movimento, ele pode ser adaptado numa variante o mais aproximado possível, mas há sinais que tem que ser “mudados” na forma de realiza-los e, às vezes, é preciso inventar algum novo, porque uma regra muito importante é que cada sinal seja captado através do tato, sem problemas e de maneira clara e rápida.

Chaves para o desenvolvimento do sistema

Na sua adaptação, uma das primeiras chaves foi considerar que a mão, desde a ponta dos dedos até o pulso “representasse” a cabeça de uma pessoa. Assim, se um sinal da LSE for feito na cabeça, este sinal, com sua configuração e movimento, será feito de maneira similar sobre a palma da mão; por exemplo, levando em conta o local da cabeça em que o sinal for feito, ele será igualmente feito na parte da mão que representa o mesmo lugar: a testa é a parte superior da palma da mão; o pulso representa o pescoço; a extremidade do dedo polegar, a orelha etc. Veja um exemplo gráfico:

Desenho do sinal: a figura tem a foto de uma mulher com a mão na testa fazendo com a mão direita um círculo na testa da direita para esquerda e ao lado a figura de duas mãos (do guia-intérprete e da pessoa com surdocegueira) fazendo o mesmo sinal da figura da mulher, mas no dorso da mão da pessoa com surdocegueira, posicionando como se fosse à cabeça

Da mesma maneira, o pulso pode representar o pescoço e o antebraço, o peito, para a realização dos sinais.

Porém, há também muitos sinais que se realizam na palma da mão, no pulso ou no antebraço sem representar necessariamente a cabeça, o pescoço ou o peito.

Um dos fatores mais importantes para a adaptação dos sinais é sua clareza: o sinal tem que ser realizado de maneira que possa ser captado através do tato, seja pela sua posição ou pelo movimento, sendo assim, a analogia cabeça-mão não é uma regra fixa.

Vantagens e desvantagens do sistema

O sistema permite preservar a mesma estrutura da língua oral na transmissão das mensagens. Utilizar somente o alfabeto manual, quer dizer, a transmissão das mensagens letra a letra, é lenta e não permite seguir a velocidade da fala de um interlocutor ou de um orador, especialmente quando falam rapidamente. Por outro lado, não a tempo de traduzir, de “ver” o que está acontecendo, se acontecer alguma mudança no ambiente.

Ao trabalhar com sinais ganha-se em velocidade, já que uma palavra, como, por exemplo “profissional”, pode ser transmitida com um único sinal na palma da mão.

Desta forma, pode ser tanto ou mais rápido que a língua de sinais, mas não é um método para substituí-la: para os surdos que são surdos congênitos e que desenvolveram a língua de sinais como primeira língua, é aconselhável que continuem a utiliza-la, fazendo a adaptação de sua versão visual para a versão tátil, quer dizer, a pessoa surdocega coloca as duas mãos sobre as do interlocutor para ler o que ele diz.

Considero meu sistema mais útil para aqueles que desenvolveram a fala antes de ficar surdos e que, portanto, possuem uma comunicação oral expressiva. Estas pessoas desconhecem a língua de sinais e normalmente aprendem a utilizar o alfabeto manual como meio de recepção tátil de mensagens. É muito difícil ensina-las a língua de sinais, mas é possível ensina-las vários sinais ou símbolos, quantos mais melhor, já que com isso elas conseguirão uma maior velocidade na transmissão das mensagens. Além do mais este sistema conserva, como já disse, a estrutura da língua oral.

O inconveniente do meu sistema está na necessidade de ser ensinado a cada pessoa ou intérprete, e isto leva tempo. Por esta razão, poucas pessoas o utilizam (amigos, intérpretes habituais etc.). Para poder ampliar este sistema, seria necessário elaborar um dicionário gráfico no qual seria possível ver como cada sinal é feito e os movimentos que devem realizar. Não é

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A.”

Fonte: Revista Terceiro Sentido nº 31 de Julho/2000 – Pág. 27 a 31 – Tradução: Miriam Xavier de Oliveira/2003 – Revisão: Shirley R. Maia/2006.

conveniente seu desenvolvimento sem este dicionário, já que cada pessoa surdocega só conseguiria ter seus próprios sinais, mas que não serviriam para comunicar-se entre elas mesmas. Se um intérprete aprender esses sinais com uma determinada pessoa surdocega, eles não vão servir para trabalhar com outras pessoas surdocegas.

Outra vantagem importante é que o método combinado de letras e sinais permite captar informação sobre as emoções de nosso intérprete ou interlocutor. Pode-se captar nervosismo, uma mudança sutil na forma de fazer o sinal, uma maior pressão ou força no ato de realizar o sinal etc. É possível notar que perdeu o “fio da meada”, a falta de interesse ou cansaço, ou que está encantado em conversar com a pessoa. É uma informação muito importante, já que nos permite captar emoções que não podemos ver, nem tons que não podemos ouvir.

E quando riem ou nos dizem que nosso interlocutor sorriu, quanto prazer nos produz! Nosso rosto se ilumina com um sorriso.

Perceber as emoções dos demais é muito importante, porque favorece a nossa expressividade. Não sabendo o que acontece ao seu redor nem como influem no ambiente, não causa estranheza que as pessoas surdocegas permaneçam inexpressivas.

Conclusões:

Quando fiquei surdocego, comecei a utilizar o método da escrita de letras maiúsculas na palma da mão, um sistema que se revelou muito lento. Por isso, comecei a reunir sinais (eu conhecia a língua de sinais) e assim, ganhar velocidade na recepção das mensagens. Mais tarde aprendi o alfabeto manual dos surdocegos espanhóis, muito mais rápido que o sistema de escritura na palma da mão, com o qual desenvolvi uma combinação perfeita para a recepção de mensagens, porque a mão de quem fala pode soletrar e realizar sinais alternadamente, sem dificuldade.

Este sistema mudou a minha vida e é de enorme utilidade na realização do meu trabalho, na participação em conferências, seminários e congressos, e em todas as atividades que realizo já que, para mim, é vital a informação precisa e rápida do que se diz e do que acontece ao meu redor, para poder agir a partir do que sucede.

Da mesma maneira que tem sido muito útil para mim, acredito que possa ser para muitos outros.

Agradeço aos que contribuíram de maneira consciente ou não para o desenvolvimento deste sistema, um sistema que permite que a minha comunicação seja a mais efetiva que eu possa desejar.

Daniel Alvarez Reyes
Presidente ASOCIDE